



Convento de Jesus Setubal

Tiago Alexandre Gonçalves Dias
SRDA Turma E 20211216



O processo de recuperação, extensão e reconversão do Convento de Jesus de Setúbal, em Museu, teve início em 1998 com o lançamento de concurso, pela Câmara Municipal de Setúbal e pelo IGESPAR, de que saiu vencedora a proposta do Arq. João Carrilho da Graça.

Passaram 17 anos até ser, finalmente, inaugurada uma ala do antigo Convento (a ala poente, mas desta apenas o piso superior), o que corresponderá, grosso modo, se não tivéssemos em conta todo o trabalho de reabilitação das coberturas e consolidação estrutural das paredes e pisos do Convento, a um decimo de total da obra inicialmente ambicionada e cujo projeto de execução se encontra pronto desde 2001.



A ideia que saiu vencedora do concurso e que o Arq. Carrilho da Graça desenvolveu, depois, sem grandes alterações, corresponderia a uma obra verdadeiramente notável, tanto no que respeitaria ao surgimento de uma peça museológica interessantíssima a vivificar o centro histórico de Setúbal, como na exemplaridade que se revestiria no construir novo, com respeito e inteligência, ao lado do antigo, recuperado e reabilitado, Convento de Jesus.

A história do conjunto é complexa e remota, pelo menos, a 1490, quando Justa Rodrigues, ama-de-leite do que viria a ser, mais tarde, o rei D. Manuel I, obteve junto de D. João II e depois, do Papa, autorização para erguer uma igreja e depois um Convento de clausura, feminino, em Setúbal, dedicado a Jesus, tendo em vista, provavelmente, também, reservar túmulos para os seus dois filhos e para si própria, já que viria a ser sepultada a meio da Casa do Capítulo.

D. João II tê-la-ia, certamente, em muito boa conta, entendendo intervir e sugerir outras proporções para a projetada igreja quando



se apercebeu das dimensões para que o início das obras apontava. Envolvendo Jacques Boytac (1460-1527), que ficaria para a história da arquitetura portuguesa como Diogo Boitaca, D. João II procuraria, com o mestre francês, que a Igreja ganhasse uma dignidade espacial que, aparentemente, o inicial ensejo de D. Justa não ambicionava. De uma vulgar construção de três naves com cobertura de madeira, a peça passou a Igreja salão, com as três naves à mesma altura com

o teto em pedra, abobadado, suportado por nervuras de volta inteira cruzando-se num espetacular efeito estrutural, com os grossos contrafortes das suas fachadas e atestar o necessário reforço para compreender as alterações sucessivamente introduzidas... “



Créditos

JLCG "Memória Descritiva do Concurso" 1998

Fotografias: Rita Burmester

Texto: Manuel Graça Dias

Projeto: Pedro Carrilho arquitetos

Tiago Alexandre Gonçalves Dias
SRDA Turma E 20211216